

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalent

Ano LI, número 26 (2.653)

Cidade do Vaticano

terça-feira 30 de junho de 2020

Missa do Papa Francisco na solenidade dos santos Pedro e Paulo

Unidade e profecia para uma Igreja renovada



NESTE NÚMERO

Pág. 2: Angelus de 29 de junho; *pág. 3:* Homília na solenidade dos santos Pedro e Paulo; *pág. 4:* Agradecimento do Papa a médicos e enfermeiros italianos; *pág. 5:* Audiência geral de 24 de junho; *págs. 6/7:* Entrevista a Bernice Albertine King, por Alessandro Gisotti; Conversa com o fotógrafo Manoocher Deghati, por Piero Di Domenico; *pág. 8:* A declaração "Nostra aetate", por Andrea Tornielli; *pág. 9:* No 60º aniversário do Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos, por Brian Farrell; *pág. 10:* Esperança do novo presidente do Episcopado português; Três novas invocações nas ladainhas lauretanas; *pág. 11:* Informações; Promulgação de decretos; *pág. 12:* Angelus de domingo, 28 de junho.

ANGELUS

Apelo a não abandonar os idosos

Em Roma todos podem viver com dignidade

Em Roma «que todos possam viver com dignidade e encontrar o feliz testemunho do Evangelho». São os votos expressos pelo Papa no final do Angelus da solenidade dos santos Pedro e Paulo, recitado com os fiéis reunidos na praça de São Pedro.

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje celebramos os santos padroeiros de Roma, os Apóstolos Pedro e Paulo. E é um dom rezar unidos aqui, perto do lugar onde Pedro morreu mártir e está sepultado. Contudo, a Liturgia de hoje recorda um episódio completamente diferente: diz-nos que vários anos antes Pedro tinha sido libertado da morte. Foi preso, estava na prisão e a Igreja, temendo pela sua vida, rezava incessantemente por ele. Depois, um anjo desceu para o libertar do cárcere (cf. *At 12, 1-11*). Mas também anos mais tarde, quando Pedro era prisioneiro em Roma, a Igreja certamente rezava. Todavia, naquela ocasião a sua vida não foi poupada. Como pode ser que primeiro foi libertado da provação e depois não?

Porque há um caminho na vida de Pedro que pode iluminar o percurso da nossa vida. O Senhor concedeu-lhe muitas graças e libertou-o do mal: faz isto também con-

nosco. Com efeito, dirigimo-nos muitas vezes a Ele apenas em momentos de necessidade, para pedir ajuda. Mas Deus vê mais longe e convida-nos a ir além, a procurar não só os seus dons, mas também a Ele, que é o Senhor de todos os dons; a confiar-lhe não apenas os problemas, mas a vida. Desta forma, pode conceder-nos finalmente a maior graça, a de *dar a vida*. Sim, dar a vida. A coisa mais importante na vida é fazer da vida um dom. E isto é válido para todos: dos pais aos filhos e dos filhos aos pais idosos. E aqui lembro-me de muitos idosos, que são deixados sozinhos pela sua família - ouso dizer - como se fossem material descartável. E este é um drama do nosso tempo: a solidão dos idosos. A vida dos filhos e dos netos não se faz dom para os idosos. Fazer-se dom para quantos são casados ou consagrados; é válido em todos os lugares, em casa e no trabalho, e para todas as pessoas próximas de nós. Deus deseja fazer-nos crescer na dádiva: é só assim que nos tornamos grandes! Crescemos quando nos doamos aos outros. Olhemos para São Pedro: ele não se tornou herói porque foi libertado da prisão, mas porque deu a sua vida aqui. O seu dom transformou um lugar de execução no bonito lugar de esperança onde nos encontramos.

Eis o que pedir a Deus: não só a *graça do momento*, mas a *graça da vida*. O Evangelho de hoje mostra-nos precisamente o diálogo que mudou a vida de Pedro. Ele ouviu Jesus perguntar: «*Quem sou Eu para ti?*». E respondeu: «*Tu és Cristo, o Filho do Deus vivo*». E Jesus: «*Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas*» (*Mt 16, 16-17*). Jesus diz que é bem-aventurado, isto é, literalmente *feliz*. És feliz por ter dito isto. Notemos: Jesus diz *Tu és bem-aventurado* a Pedro, que lhe tinha dito *Tu és o Deus vivo*. Então, qual é o segredo de uma vida abençoada, qual é o segredo de uma vida feliz? Reconhecer Jesus,

mas Jesus como *Deus vivo*, não como uma estátua. Porque não importa saber que Jesus foi grande na história, não importa tanto apreciar o que Ele disse ou fez: importa o lugar que lhe dou na minha vida, o lugar que atribuo a Jesus no meu coração. Naquela altura Simão ouviu Jesus dizer: «*Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja*» (v. 18). Não foi chamado «*pedra*» porque era um homem sólido e fiável. Não, ele cometeria muitos erros mais tarde, não era tão confiável, cometeria muitos erros, chegaria ao ponto de negar o Mestre. Mas escolheu *construir a sua vida sobre Jesus*, a pedra — diz o texto — não sobre «*carne e sangue*», isto é, sobre si mesmo, sobre as suas capacidades, mas sobre Jesus (cf. v. 17), que é a pedra. Jesus é a *rocha sobre a qual Simão se tornou pedra*. O mesmo pode ser dito sobre o apóstolo Paulo, que se entregou totalmente ao Evangelho, considerando tudo o resto imundície, para ganhar Cristo.

Hoje, perante os Apóstolos, podemos perguntar-nos: «*E eu, como organizo a vida?*» Penso apenas nas necessidades do momento ou acredito que a minha verdadeira necessidade é Jesus, que faz de mim um dom? E como construo a vida, sobre as minhas capacidades ou sobre o Deus vivo? Nossa Senhora, que se confiou totalmente a Deus, nos ajude a colocá-lo na base de cada dia; e que Ela interceda por nós para que, com a graça de Deus, possamos fazer da nossa vida um dom.

No final da prece mariana o Pontífice dirigiu uma saudação especial aos romanos e «abraçou» espiritualmente o patriarca Bartolomeu, recordando que por

causa da pandemia a delegação do Patriarcado ecuménico não pôde participar, como de costume, na celebração dos santos Pedro e Paulo.

Caros irmãos e irmãs!

Antes de mais nada, na festa dos santos padroeiros, os Apóstolos Pedro e Paulo, saúdo todos os romanos e quantos vivem nesta cidade. Por sua intercessão, rezo a fim de que em Roma cada pessoa possa viver com dignidade e encontrar o testemunho alegre do Evangelho.

Segundo a tradição, nesta comemoração uma delegação do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla vem a Roma, mas este ano não foi possível por causa da pandemia. Por conseguinte, envio um abraço espiritual ao meu querido irmão Patriarca Bartolomeu, na esperança de podermos retomar o mais depressa possível as nossas visitas recíprocas.

Ao celebrar a solenidade de São Pedro e São Paulo, gostaria de recordar os numerosos mártires que foram decapitados, queimados vivos e mortos, especialmente na época do imperador Nero, nesta mesma terra em que vos encontráis agora. Esta é terra ensanguentada pelos nossos irmãos cristãos. Amanhã celebraremos a sua comemoração.

Saúdo-vos, estimados peregrinos aqui presentes: vejo bandeiras do Canadá, Venezuela, Colômbia e outras... Muitas saudações! Que a visita aos túmulos dos Apóstolos possa fortalecer a vossa fé e o vosso testemunho.

Desejo bom feriado a todos vós. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!



L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicumque suum, Non praevalent

Cidade do Vaticano
redazione.portoghese.or@spc.va
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +390669899420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas.or@spc.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 00521231042036, e-mail: sac@editorasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@direzionedilsole24ore.com

Missão do Papa na solenidade dos santos Pedro e Paulo

Unidade e profecia para uma Igreja renovada

Também a solenidade dos Santos Pedro e Paulo, a 29 de Junho, foi afetada pela emergência sanitária devido à Covid-19. O Papa Francisco celebrou a missa no altar da Catedral da Basílica do Vaticano, durante a qual abençoou os pálios destinados a cinquenta e quatro metropolitas nomeados no último ano. Um pequeno número de fiéis assistiu à missa e, ao contrário dos anos anteriores, o Papa não pôde entregar pessoalmente o pálio aos vários metropolitas, mas confiou-os simbolicamente ao Cardeal Giovanni Battista Re, Decano do Colégio dos Cardeais. Como novidade introduzida há anos para sublinhar a ligação com a Igreja local, a imposição efetiva terá lugar nas dioceses de origem dos prelados, pelo representante papal. O Cardeal Angelo Comastri, Arcebispo da Basílica de São Pedro, Luis Antonio Tagle, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, concelebrou com o Papa Francisco. As orações dos fiéis foram pelo Papa e pelos bispos, pelos governantes e juízes, pelos perseguidos, pelos missionários e catequistas, pelos pobres, pelos sofredores e pelas pessoas sozinhas. Após a bênção final, o Papa recolheu-se em oração diante da imagem da Virgem Maria enquanto era entoado o Salve Regina.

Nas festa dos dois Apóstolos desta cidade, gostaria de partilhar convosco duas palavras-chave: unidade e profecia.

Unidade. Celebramos conjuntamente duas figuras muito diferentes: Pedro era um pescador que passava os dias entre os remos e as redes; Paulo, um fariseu culto, que ensinava nas sinagogas. Quando saíram em missão, Pedro dirigiu-se aos judeus; Paulo, aos pagãos. E, quando se cruzaram os seus caminhos, discutiram animadamente, como Paulo não tem vergonha de contar numa carta (cf. *Gal* 2, 11-14). Enfim, eram duas pessoas muito diferentes, mas sentiam-se irmãos, como numa família unida onde muitas vezes se discute mas sem deixar de se amarem. Contudo a familiaridade, que os unia, não provinha de inclinações naturais, mas do Senhor. Ele não nos mandou agradar, mas amar. É Ele que nos une, sem nos uniformizar. Une-nos nas diferenças.

A primeira Leitura de hoje levamos à fonte desta unidade. Narra que a Igreja, pouco depois de ter nascido, passava por uma fase crítica: Herodes não lhe dava paz, a perseguição era violenta, o apóstolo Tiago fora morto; e agora acabou preso o próprio Pedro. A comunidade parecia decapitada; cada qual teme pela própria vida. Contudo, neste momento trágico, ninguém foge, ninguém pensa em salvar a pele, ninguém abandona os outros, mas todos *rezam juntos*. Da oração, tiram coragem; da oração, vem uma unidade mais forte do que qualquer ameaça. Diz o texto que, «enquanto Pedro estava encerrado na prisão, a Igreja orava a Deus, instantaneamente, por ele» (*At* 12, 5). A unidade é um princípio que se ativa com a oração, porque a oração permite ao Espírito Santo intervir, abrir à esperança, encurtar as distâncias, manter-nos juntos nas dificuldades.

Notemos outra coisa: naqueles momentos dramáticos, ninguém se lamenta do mal, das perseguições, de Herodes. Ninguém insulta Herodes; e nós estamos tão habituados a insultar os responsáveis. É inútil, e até chato, que os cristãos percam tempo a lamentar-se do mundo, da sociedade, daquilo que está errado. As lamentações não mudam nada. Lembremo-nos de que as lamentações são a segunda porta que fechamos ao Espírito Santo, como vos disse no dia de Pentecostes: a primeira é o narcisismo, a segunda o

desânimo, a terceira é o pessimismo. O narcisismo leva-te a parar diante do espelho, a olhar continuamente para ti; o desânimo, às lamentações; o pessimismo, ao enigmático, à escuridão. Estas três atitudes fecham a porta ao Espírito Santo. Aqueles cristãos não culpavam, mas rezavam. Naquela comunidade, ninguém dizia: «Se Pedro tivesse sido mais cauteloso, não estaríamos nesta situação». Ninguém o dizia. Humanamente havia motivos para criticar Pedro, mas ninguém o criticava. Não murmuravam contra ele, mas rezavam por ele. Não falavam por trás, mas falavam com Deus. Hoje, podemos interrogar-nos: «Guardamos a nossa unidade com a oração: a nossa unidade da Igreja? Rezamos uns pelos outros?» Que aconteceria se se rezasse mais e murmurasse menos, deixando a língua um pouco mais tranquila? Aquilo que aconteceu a Pedro na prisão: como então, muitas portas que separam, abriam-se; muitas algemas que imobilizam, cairiam. E nós ficaríamos maravilhados, como sucedeu àquela serva que, ao perceber que Pedro está à porta, nem pensa em abrir mas volta para a sala a correr, estupefacta pela alegria de ter ouvido a voz de Pedro (cf. *At* 12, 10-17). Peçamos a graça de saber rezar uns pelos outros. São Paulo exortava os cristãos a rezar por todos, mas em primeiro lugar por quem governa (cf. *1 Tim* 2, 1-3). «Mas este governante é...», e os adjectivos são muitos. Não os digo, porque este não é o momento nem o lugar para repetir os adjectivos que se ouvem contra os governantes. Deixemos que Deus os julgue! Nós rezemos pelos governantes. Rezemos... Precisam da nossa oração. É uma tarefa que o Senhor nos confia. Temo-la cumprido? Ou limitamo-nos a falar, a insultar? Quando rezamos, Deus espera que nos lembremos também de quem não pensa como nós, de quem nos bateu a porta na cara, das pessoas a quem nos custa perdoar. Só a oração desata as algemas, como a Pedro; só a oração deixa livre o caminho para a unidade.

Neste dia, benzem-se os pálios que serão entregues ao Decano do Colégio Cardinalício e aos Arcebispos Metropolitas nomeados no decorrer do último ano. O pálio recorda a unidade entre as ovelhas e o Pastor que, como Jesus, carrega a ovelha aos ombros e nunca mais a larga. Além disso, segundo uma bela tradição, hoje unimo-nos de maneira



especial ao Patriarcado Ecuménico de Constantinopla. Pedro e André eram irmãos; e entre nós, quando é possível, trocamos uma visita fraterna nas respetivas festas; não tanto por gentileza, mas para caminhar juntos rumo à meta que o Senhor nos indica: a unidade plena. Hoje, eles não conseguiram vir, pela dificuldade de viajar devido ao coronavírus, mas quando desci para venerar as relíquias de Pedro, no coração sentia junto de mim o meu amado irmão Bartolomeu. Eles estão, aqui, connosco.

A segunda palavra: **profecia**. *Unidade e profecia*. Os nossos Apóstolos foram provocados por Jesus. Pedro ouviu-O perguntar-lhe: «Tu, quem dizes que Eu sou?» (cf. *Mt* 16, 15). Naquele momento, compreendeu que, ao Senhor, não lhe interessam as opiniões gerais, mas a opção pessoal de O seguir. Também a vida de Paulo mudou depois duma provocação de Jesus: «Saulo, Saulo, porque me persegues?» (*At* 9, 4). O Senhor abalou-o dentro: mais do que fazê-lo cair por terra no caminho de Damasco, derrubou a sua presunção de homem religioso e bom. Assim um Saulo altivo tornou-se Paulo: Paulo, que significa «pequeno». A estas provocações, a estas inversões da vida seguem as profecias: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja» (*Mt* 16, 18); e a Paulo: «É instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos» (*At* 9, 15). Assim, a profecia nasce quando nos deixamos provocar por Deus: não quando gerimos a própria tranquilidade, mantendo tudo sob controle. Não nasce do meu pensamento; não nasce do meu coração fechado. Nasce, se nos deixarmos provocar por Deus. Quando o Evangelho inverte as certezas, brota a profecia. Só quem se abre às surpresas de Deus é que se torna profeta. Vemo-lo em Pedro e Paulo, profetas que enxergam mais além: Pedro é o primeiro a proclamar que Jesus é «o Messias, o Filho de Deus vivo» (*Mt* 16, 16); Paulo antecipa a conclusão da sua vida: «Já me aguarda a merecida coroa, que me entregará, naquele dia, o Senhor» (*2 Tim* 4, 8).

Hoje precisamos de profecia, mas de verdadeira profecia: não discursos que prometem o impossível, mas testemunhos de que o Evangelho é

possível. Não são necessárias manifestações miraculosas. Dá-me pena ao ouvir proclamar: «Queremos uma Igreja profética». Muito bem! E que fazes para que a Igreja seja profética? Servem vidas que manifestam o milagre do amor de Deus. Não potência, mas coerência; não palavras, mas oração; não proclamações, mas serviço. Queres uma Igreja profética? Começa a servir, e não digas nada. Não teoria, mas testemunho. Precisamos não de ser ricos, mas de amar os pobres; não de ganhar para nós, mas de nos gastarmos pelos outros; não do consenso do mundo, do estar de bem com todos (entre nós usa-se a expressão: «estar de bem com Deus e com o diabo»), estar de bem com todos, não! Isto não é profecia. Mas precisamos da alegria pelo mundo que virá; não daqueles projetos pastorais que parecem conter em si mesmos a própria eficiência, como se fossem Sacramentos! Projetos pastorais eficientes, não; mas precisamos de pastores que ofereçam a vida: de *enamorados de Deus*. Foi assim, como enamorados, que Pedro e Paulo anunciaram Jesus. Pedro, antes de ser colocado na cruz, não pensa em si mesmo, mas no seu Senhor e, considerando-se indigno de morrer como Ele, pede para ser crucificado de cabeça para baixo. Paulo está para ser decapitado e pensa só em dar a vida, escrevendo que quer ser «oferecido como sacrifício» (*2 Tim* 4, 6). Isto é profecia... e não palavras. Isto é profecia, a profecia que muda a história.

Amados irmãos e irmãs, Jesus profetizou a Pedro: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja». Existe, também para nós, uma profecia semelhante; encontra-se no último livro da Bíblia, quando Jesus promete às suas testemunhas fiéis «uma pedra branca», na qual «estará gravado um novo nome» (*Ap* 2, 17). Como o Senhor transformou Simão em Pedro, assim chama a cada um para fazer de nós pedras vivas, com as quais construir uma Igreja e uma humanidade renovadas. Há sempre quem destrua a unidade e quem apague a profecia, mas o Senhor acredita em nós e pede-te: «Tu queres ser construtor de unidade? Queres ser profeta do meu céu na terra?» Irmãos e irmãs, deixemo-nos provocar por Jesus e ganhemos a coragem de Lhe dizer: «Sim, quero!»

«Este é o momento de valorizar toda a energia positiva que foi investida»: eis a recomendação do Papa Francisco aos representantes das áreas italianas mais atingidas pela pandemia da Covid-19, recebidos em audiência na manhã de 20 de junho, na sala Clementina.

Bem-vindos, prezados irmãos e irmãs!

Agradeço as palavras do Presidente da Região da Lombardia. Saúdo cordialmente o Arcebispo de Milão, os Bispos de Bérgamo, Bréscia, Cremona, Crema e Lodi, bem como as demais autoridades presentes. Saúdo os médicos, os enfermeiros, os profissionais da saúde e da proteção civil, assim como os alpinos. Saúdo os sacerdotes e as pessoas consagradas. Viestes em representação da Lombardia, uma das regiões italianas mais atingidas pela epidemia da Covid-19, com o Piemonte, a Emília Romagna e o Vêneto, nomeadamente Vo' Euganeo, aqui representado pelo Bispo de Pádua. Hoje abraço idealmente também estas regiões. E saúdo os representantes do Hospital "Spallanzani", em Roma, uma instituição médica que tem feito muito para combater o vírus.

Durante estes meses agitados, as várias realidades da sociedade italiana esforçaram-se por enfrentar a emergência de saúde com generosidade e dedicação. Penso nas instituições nacionais e regionais, nos municípios; penso nas dioceses e comunidades paroquiais e religiosas; nas numerosas associações de voluntariado. Sentimos mais viva do que nunca a gratidão pelos médicos, enfermeiros e todos os profissionais da saúde, na linha da frente no cumprimento de um serviço árduo e por vezes heroico. Foram sinal visível de humanidade que aquece o coração. Muitos deles adoeceram e alguns infelizmente faleceram no exercício da profissão. Recordemo-los na oração e com muita gratidão.

No turbilhão de uma epidemia com efeitos impressionantes e inesperados, a presença confiável e generosa do pessoal médico e paramédico constituiu um ponto de referência seguro, antes de mais nada para os doentes, mas de forma muito especial para os familiares, que neste caso não tinham a possibilidade de visitar os seus entes queridos. E assim encontraram em vós, profissionais da saúde, como que outros familiares, capazes de unir à competência profissional atenções que são expressão concreta de amor. Muitas vezes os pacientes sentiam que tinham "anjos" ao seu lado, que os ajudavam a recuperar a saúde e, ao mesmo tempo, os confortavam, apoiavam e, às vezes, acompanhavam até ao limiar do encontro final com o Senhor. Estes profissionais da saúde, coadjuvados pela solicitude dos capelães dos hospitais, testemunharam a proximidade de Deus a quantos sofrem; foram artífices silenciosos da cultura da proximidade e da ternura. Cultu-



Agradecimento do Papa a médicos e enfermeiros italianos

Não disperseis a energia positiva gerada durante a pandemia

ra da proximidade e da ternura. E vós fostes testemunhas disto, inclusive nos pequenos gestos: nas carícias... até com o telemóvel, conectando aquele idoso que estava prestes a morrer com o filho, com a filha, para se despedir deles, para os ver pela última vez...; pequenos gestos de criatividade de amor... Isto fez bem a todos nós. Testemunho de proximidade e ternura!

Caros médicos e enfermeiros, o mundo pôde ver todo o bem que fizestes numa situação de grande provação. Mesmo exaustos, continuastes a trabalhar com profissionalismo e abnegação. Quantos médicos e paramédicos, enfermeiros, não podiam ir para casa, e dormiam onde podiam, pois no hospital não havia camas! E isto gera esperança. O senhor [dirige-se ao Presidente da Região] falou de esperança. E isto gera esperança. Fostes um dos pilares de todo o país. A vós aqui presentes e aos vossos colegas de toda a Itália dirijo a minha estima e o meu agradecimento sincero, e bem sei que interpreto os sentimentos de todos.

Este é o momento de valorizar toda a energia positiva que foi investida. Não vos esqueçais! É uma riqueza que, em parte, certamente, acabou em "fundo perdido", no drama da emergência; mas em grande parte pode e deve dar frutos para o presente e o futuro da sociedade lombarda e italiana. A pandemia marcou profundamente a vida das pessoas e a história das comunidades. Para honrar o sofrimento dos doentes e dos numerosos defuntos, especialmente idosos, cuja experiência de vida não deve ser esquecida, há que construir o amanhã: isto requer o esforço, a força e a dedicação de todos. Trata-se de recomeçar a partir dos inúmeros testemunhos de amor generoso e gratuito, que deixaram uma marca indelével nas consciências e no tecido da sociedade, ensinando quanta necessidade há de proximidade, cuidado e sacrifício para alimentar a fraternidade e a convivência civil. E, olhando para o futuro, lembro-me daquele discurso de

frei Félix, no lazareto, em Manzoni [Os noivos, cap. 36]: com que realismo ele olha para a tragédia, para a morte, mas também para o futuro, e vai em frente!

Deste modo, podemos sair desta crise espiritual e moralmente mais fortes; e isto depende da consciência e da responsabilidade de cada um de nós. Não sozinhos, mas juntos e com a graça de Deus. Como fiéis, cabe-nos testemunhar que Deus não nos abandona, mas em Cristo dá sentido até a esta realidade e ao nosso limite; que, com a sua ajuda, podemos enfrentar as provações mais árduas. Deus criou-nos para a comunhão, para a fraternidade, e agora mais do que nunca demonstrou-se ilusória a pretensão de apostar tudo em nós mesmos – é ilusório! – para fazer do individualismo o princípio-guia da sociedade. Mas estejamos atentos, pois assim que passar a emergência, é fácil escorregar, é fácil cair de novo nesta ilusão. É fácil esquecer rapidamente que precisamos dos outros, de alguém que cuide de nós, que nos infunda coragem. Esquecer que todos nós precisamos de um Pai, que nos estenda a mão. Orar a Ele, invocá-lo, não é ilusão; ilusão é pensar em viver sem Ele! A oração é a alma da esperança.

Nestes meses, as pessoas não puderam participar fisicamente das celebrações litúrgicas, mas não deixaram de se sentir comunidade. Rezaram individualmente ou em família, também através dos meios de comunicação social, unidas espiritualmente e sentindo que o abraço do Senhor ia além dos limites do espaço. O zelo pastoral e a solicitude criativa dos sacerdotes ajudaram as pessoas a prosseguir no caminho da fé e a não permanecer sozinhas diante da dor e do medo. Esta criatividade sacerdotal superou algumas, poucas, expressões "adolescentes" contra as medidas da autoridade, que tem a obrigação de salvaguardar a saúde do povo. A maioria foi obediente e criativa. Admirei o espírito apostólico de muitos sacerdotes, que saíam com o telefone, batiam às portas, to-

cavam as campanhas das casas: «Precisa de algo? Faço-lhe as compras...». Muitas coisas! A proximidade, a criatividade, sem vergonha. Os presbíteros que permaneceram perto do seu povo no cuidado e na partilha carinhosa e diária: foram um sinal da presença consoladora de Deus. Foram pais, não adolescentes. Infelizmente, não foram poucos os que morreram, assim como os médicos e o pessoal paramédico. E também entre vós há alguns presbíteros que adoeceram e graças a Deus sararam. Através de vós, agradeço a todo o clero italiano, que deu provas de coragem e amor ao povo.

Queridos irmãos e irmãs, renovo a cada um de vós e a quantos representais, o meu profundo apreço pelo que fizestes nesta situação difícil e complexa. A Virgem Maria, venerada nas vossas terras em numerosos santuários e igrejas, vos acompanhe e vos ampare sempre com a sua proteção maternal. E não vos esqueçais que, com o vosso trabalho, todos vós, médicos, paramédicos, voluntários, sacerdotes, religiosos e leigos, fizestes isto, destes início a um milagre. Tende fé e, como disse aquele alfaiate, que teria sido um bom teólogo: «Nunca soube que Deus tenha começado um milagre sem o ter acabado bem» [Manzoni, Os noivos, cap. 24]. Que este milagre por vós iniciado acabe bem! Quanto a mim, continuo a rezar por vós e pelas vossas comunidades, e concedo-vos com afeto uma especial Bênção Apostólica. E vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim, pois preciso disto. Obrigado!

[Bênção]

Agora, a liturgia da saudação. Mas devemos ser obedientes às disposições: não vos farei vir aqui, mas irei eu, de passagem, saudar-vos educadamente, como se deve, como as autoridades nos disseram para fazer. E assim, como irmãos, saudemo-nos e oremos uns pelos outros. Primeiro tiremos a fotografia de grupo e depois vou cumprimentar-vos!

CATEQUESE

Sobre a oração de David

Se na vida de uma pessoa faltar a poesia a sua alma coxeia

«Quando uma pessoa não tem aquela dimensão poética, digamos, quando lhe falta a poesia a sua alma coxeia». Salientou o Papa na audiência geral de quarta-feira, 24 de junho, — a última antes das férias de verão — realizada novamente na biblioteca particular do Palácio Apostólico do Vaticano, sem a presença de fiéis por causa da pandemia. Continuando o ciclo de catequeses iniciado em 6 de maio, o Pontífice comentou o Salmo 18, 2-3, 29-33, retomando a oração de David.

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso itinerário de catequeses sobre a oração, hoje encontramos o rei David. Predileto de Deus desde menino, foi escolhido para uma missão única, que assumirá um papel central na história do povo de Deus e da nossa fé. Nos Evangelhos, Jesus é chamado várias vezes “filho de David”; com efeito, como ele, nasce em Belém. Da descendência de David, segundo as promessas, vem o Messias: um Rei totalmente segundo o coração de Deus, em perfeita obediência ao Pai, cuja ação cumpre fielmente o seu plano de salvação (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2579).

A vicissitude de David começa nas colinas ao redor de Belém, onde apascenta o rebanho do pai, Jessé. É ainda um rapaz, o último de muitos irmãos. A ponto que quando o profeta Samuel, por ordem de Deus, vai em busca do novo rei, até parece que o seu pai se tinha esquecido daquele filho mais novo (cf. 1 Sm 16, 1-13). Trabalhava ao ar livre: pensamos nele como amigo do vento, dos sons da natureza, dos raios do sol. Só tem uma companhia para confortar a sua alma: a cítara; e nos longos dias de solidão gosta de tocar e cantar ao seu Deus. Também brincava com a funda.

Portanto, em primeiro lugar David é um pastor: um homem que cuida dos animais, que os defende quando surge o perigo, que lhes dá o sustento. Quando David, por vontade de Deus, tiver que se preocupar pelo povo, não realizará ações muito diferentes destas. É por isso que na Bíblia a imagem do pastor é muito recorrente. Também Jesus se define “o bom pastor”, o seu comportamento é diferente daquele do mercenário; oferece a sua vida pelas ovelhas, guia-

as, sabe o nome de cada uma delas (cf. Jo 10, 11-18).

Da sua primeira profissão, David aprendeu muito. Assim, quando o profeta Natã o repreenderá pelo seu gravíssimo pecado (cf. 2 Sm 12, 1-15), David compreenderá imediatamente que tinha sido um mau pastor, que roubara de outro homem a única ovelha que ele amava, que já não era um servo humilde, mas um homem doente de poder, um caçador furtivo que mata e saqueia.

Um segundo traço característico presente na vocação de David é o seu espírito de poeta. Desta pequena observação deduzimos que David não era um homem vulgar, como muitas vezes pode acontecer com indivíduos obrigados a viver prolongadamente isolados da sociedade. Ao contrário, é uma pessoa sensível, que gosta da música e do canto. A cítara acompanhá-lo-á sempre: para elevar um hino de alegria a Deus (cf. 2 Sm 6, 16), para expressar um lamento, ou para confessar o próprio pecado (cf. Sl 51, 3).

O mundo que se apresenta aos seus olhos não é uma cena silenciosa: o seu olhar capta, por detrás do desenrolar dos acontecimentos, um mistério maior. A oração nasce precisamente dali: da convicção de que a vida não é algo que passa por nós, mas um mistério surpreendente, que em nós suscita a poesia, a música, a gratidão, o louvor, ou a lamentação e a súplica. Quando a uma pessoa falta essa dimensão poética, digamos, quando lhe falta a poesia, a sua alma coxeia. Portanto, segundo a tradição David é o grande artífice da composição dos salmos. No início fazem frequentemente referência explícita ao rei de Israel e a alguns dos acontecimentos mais ou menos nobres da sua vida.



Portanto, David tem um sonho: ser um bom pastor. Às vezes conseguirá estar à altura desta tarefa, outras vezes não; mas o que importa, no contexto da história da salvação, é que ele representa a profecia de outro Rei, do qual é apenas anúncio e prefiguração.

Fitemos David, pensemos em David. Santo e pecador, perseguido e perseguidor, vítima e carnífece, o que é uma contradição. David era tudo isto, ao mesmo tempo. E também nós, na nossa vida, temos traços frequentemente opostos; na trama da vida, todos os homens pecam muitas vezes de incoerência. Na vida de David existe apenas um fio condutor que confere unidade a tudo o que acontece: a sua oração. Esta é a voz que nunca se apaga. David santo reza; David pecador reza; David perseguido reza; David perseguidor reza; David vítima reza. Até David carnífece reza. Este é o fio condutor da sua vida. Um homem de oração. Esta é a voz que nunca se apaga: quer assuma os tons do júbilo, quer os da lamentação, é sempre a mesma oração, só muda a melodia. Agindo assim, David ensina-nos a deixar que tudo faça parte do diálogo com Deus: tanto a alegria como a culpa, o amor como o sofrimento, a amizade como a doença. Tudo pode tornar-se palavra dirigida ao “Tu” que nos ouve sempre.

David, que conheceu a solidão, na verdade, nunca esteve sozinho! E no fundo este é o poder da oração, em todos aqueles que lhe dão espaço na própria vida. A oração dá-nos nobreza e David é nobre porque reza. Mas é um carnífece

que reza, que se arrepende, e readquire a nobreza graças à oração. A oração confere-nos nobreza: ela é capaz de assegurar a relação com Deus, que é o verdadeiro Companheiro de caminho do homem, no meio das numerosas provações da vida, boas ou más: mas sempre com a oração. Obrigado Senhor. Tenho medo Senhor. Ajudai-me Senhor. Perdoai-me Senhor. David tinha tanta confiança, que quando foi perseguido e teve que fugir não permitiu que o defendessem: “se o meu Deus me humilha deste modo, ele sabe”, porque a nobreza da oração nos deixa nas mãos de Deus. Aquelas mãos chagadas de amor: as únicas mãos seguras que nós temos.

«Estamos a entrar na época das férias. Apesar de todas as medidas de segurança relacionadas com a ameaça de contágio do coronavírus, que este seja um tempo sereno de descanso, de fruição da beleza da criação e de reforço dos laços com os homens e com Deus». Disse o Papa nas saudações aos vários grupos, no final da catequese, garantindo em seguida uma oração especial pelas vítimas do terramoto de Oaxaca no México. A seguir, a saudação aos fiéis de língua portuguesa.

De coração saúdo a todos vós, amados ouvintes de língua portuguesa, desejando que eventuais nuvens sobre o vosso caminho não vos impeçam jamais de irradiar e enaltecer a glória e a esperança depositadas em vós, cantando e louvando sempre ao Senhor em vossos corações, dando graças por tudo a Deus Pai. Assim Deus vos abençoe!



Encontro com o Papa Francisco a 12 de março de 2018

ALESSANDRO GISOTTI

A comunidade afro-americana celebrou o *Twentieth*, dia que comemora o fim da escravidão, proclamado a 19 de junho (*June Nineteenth*) de 1865, quando soldados da União chegaram a Galveston, Texas, e decretaram o fim da Guerra civil. Este aniversário, que para milhões de negros na América é reconhecido como o *Freedom Day*, foi vivido este ano num clima particular devido aos protestos desencadeados pelo bárbaro assassinato de George Floyd, afro-americano, por um agente de polícia. Sobre o compromisso com a igualdade, a cultura da paz e o valor da não-violência, "L'Osservatore Romano" e Vatican News entrevistaram Bernice Albertine King, filha de Martin Luther King Jr. Uma apaixonada ativista dos direitos humanos, como o seu pai, e presidente do King Center em Atlanta, Bernice Albertine vê uma grande sintonia entre o seu pai e o Papa Francisco, que encontrou duas vezes no Vaticano, em 2018.

Não só os Estados Unidos, mas o mundo inteiro ficou chocado com a morte de George Floyd. Pensa que desta vez aquela mudança, que já deveria ter acontecido após tantas mortes de afro-americanos, pode finalmente ocorrer?

Penso que o mundo já estava sob tensão suficiente devido à pandemia de Covid-19 e por isso o vídeo que mostrou como George Floyd foi assassinado de forma tão cínica e cruel tornou-se uma verdadeira e incisiva acusação contra a América e o mundo. Milhões parecem ter-se apercebido, em todo o mundo – como o meu pai costumava dizer – que estamos perante a urgência feroz do "agora". As forças da ordem, bem como organizações e associações de caráter religioso dirigem-se aos líderes negros para obter uma resposta à pergunta: "Que devo fazer para ser salvo?". Algumas associações fornecem recursos ineficazes às organizações, cujo trabalho está centrado na justiça social e na igualdade racial. Outras organizações perguntam como criar um clima cultural que leve a uma verdadeira igualdade racial, desde o nível de gestão até às empresas que favorecem o trabalho das minorias. Muitos departamentos de polícia reexaminam as suas políticas; alguns deles já começaram a reconsiderar o modo como se pode e se deve levar a cabo tal compromisso nas comunidades, além da atividade de vigilância, incluindo a preocupação pelos serviços sociais. Creio que desta vez as reações e respostas serão mais amplas e entusiastas, e haverá mais brancos do que nunca que se unirão aos protestos. Se estivermos mais unidos e concen-

trarmos a nossa atenção em objetivos estratégicos, seremos certamente mais eficazes na causa da justiça.

Para além do racismo "evidente", reconhecido em situações trágicas como esta, há outra forma de "racismo que não é notícia": o racismo no trabalho, na educação, nas condições de vida. Nos Estados Unidos, a Covid-19 atingiu muito mais a comunidade afro-americana do que a comunidade branca. Como será possível derrotar este racismo "invisível"?

Antes de mais nada, quero dizer que é a recusa das pessoas a ver, que leva o racismo sistémico e institucional a parecer invisível. Quanto mais quisermos ver e fazer mudanças, tanto mais evidente será a natureza destrutiva e desumanizante do racismo. Acho que o primeiro passo para o derrotar é recusar-mo-nos a fechar os olhos e, ao contrário, recolher informações sobre este assunto e conhecer as raízes, as causas e as manifestações do racismo. A informação e a educação são o primeiro e segundo passos da Mudança Social Não Violenta. Então penso que deveríamos comprometer-nos a cumprir o que no seu livro *Where Do We Go From Here: Chaos or Community?* foi definido pelo meu pai como "a nossa tarefa incómoda": disse que devemos «descobrir como organizar a nossa força num poder irresistível, a fim de que o governo (e outras instituições e sistemas de poder) já não possam cludir as nossas exigências».

Há 57 anos, o seu pai pronunciou o histórico discurso "I have a dream" – "Tenho um sonho". Este sonho ainda parece longe de se realizar, mas todos dizem que a ele não se pode renunciar. O que faria o seu pai hoje, numa situação como a que estamos a viver?

Penso que o meu pai se orientaria pela sua filosofia da não-violência, em sintonia com o seu seguimento de Cristo. Acho que nos recordaria como chegamos a este ponto, a história de violência, racismo e injustiça que permeia a nossa nação e aquilo a que ele chamava a "casa-mundo". Em seguida, abordaria os jovens para apoiar o seu compromisso de protesto, com estratégias de apoio à organização e mobilização para promover uma mudança social sustentável e não violenta. Depois, pediria aos "influencers" na política, arte, meios de comunicação social, entretenimento, justiça penal, cuidados de saúde e educação para garantir a igualdade e a justiça entre as raças. Pediria também às Igrejas que conformem a sua profissão de fé com obras que criem circunstâncias justas e iguais para os negros, para as comunidades economicamente marginalizadas, não só nos Estados

O Papa e o meu pai unidos pelo mesmo sonho

Entrevista a Bernice Albertine King

Unidos, mas em todo o mundo. E de novo, como já tinha feito muitas vezes, repetiria que não se pode curar a violência com a violência, porque esta é – como afirmou – uma espiral que nos arrasta para baixo. Certamente creio que nos exortaria a abraçar a não-violência, porque é estratégica, corajosa, centrada no amor e organizada, a fim de construir a *Comunidade do Amor*, que inclui a erradicação daquilo a que definia o "Triplio Mal", isto é, o racismo, a pobreza e o militarismo.

Após a morte de George Floyd, o Papa Francisco fez um vigário apelo, sublinhando que não devemos fechar os olhos ao racismo. Ao mesmo tempo, recordou que a violência conduz apenas à autodestruição. Como interpretou estas palavras, que estão tão fortemente em sintonia com as do seu pai?

Concordo com o Papa Francisco: a violência leva apenas à autodestruição. Os meios que utilizamos devem ser coerentes com o objetivo que queremos alcançar, e se este objetivo é a paz, certamente não podemos alcançá-la através de métodos violentos. E isto está



Bernice Albertine e seu pai Martin Luther King (fotógrafo: Flip Schulte)

sem dúvida em sintonia com o pensamento do meu pai. Ele afirmava – porque acreditava, como eu – que "a não-violência é a resposta aos problemas políticos e morais cruciais do nosso tempo". No seu último discurso – "Eu subi ao topo da montanha" – que proferiu na noite anterior ao seu assassinato, disse: «Já não se trata de escolher entre a violência e a não-violência no nosso mundo; agora é uma questão de escolher entre a não-violência e a não-existência. Chegamos a este ponto». É o mesmo ponto em que nos encontramos ainda hoje. Estamos perante a escolha entre o caos e a comunidade. Se abraçarmos a violência, escolheremos o caos, que acabará por levar à autodestruição da nossa "casa-mundo". Se abraçarmos a não-violência, poderemos progredir na construção de um mundo mais justo, igualitário, humano e pacífico.

Martin Luther King disse: a justiça, "na sua melhor forma, é o amor que corrige tudo o que é contrário ao amor". Este é o cerne da mensagem da não-violência, personificada pelo seu pai. Como podemos construir uma "revolução da ternura", co-

mo a define o Papa Francisco?

Creio que realizar uma "revolução da ternura", como lhe chama o Papa Francisco, ou uma "revolução dos valores", como dizia o meu pai, depende da medida em que nos apercebemos de que uma revolução como esta implica um processo de tomada de consciência. Devemos aprender a conhecer-nos mais uns aos outros, aprender a conhecer as condições da humanidade, aprender – citando o meu pai – a "viver juntos como irmãos e irmãs" e não a morrer juntos como loucos; e aprender a lutar para destruir a injustiça e a desumanidade, sem nos destruirmos uns aos outros. Penso que nisto consiste a não-violência. A "Kingian Nonviolence", a que The King Center chama "Nonviolence65tm", é uma filosofia de pensamento e de ação, que inclui seis princípios e seis passos, que nos podem guiar nesta revolução.

O movimento "Black Lives Matter" envolveu o mundo inteiro. Inúmeras pessoas, especialmente jovens, protestam contra o racismo e a discriminação racial em muitas capitais europeias e também noutros pa-

PIERO DI DOMENICANTONIO

O azul do céu, o verde das vinhas, o branco da cal sobre os "trulli". Hoje são as cores do Vale de Itria que enchem os olhos de Manoocher Deghati. Cores muito diferentes daquelas que imprimiu no filme e gravou na sua memória em mais de quarenta anos de trabalho como fotojornalista para as mais importantes agências de notícias internacionais: o vermelho do sangue dos inocentes, o cinza escuro da fumaça dos poços de petróleo incendiados no deserto, o preto da escuridão da prisão das mulheres condenadas à morte.

Vencedor de duas World Press Photos, o óscar do fotojornalismo, Deghati começou a sua carreira durante a revolução khmeinista no Irão, país onde nasceu há 65 anos. Exilado, em seguida tornou-se um cidadão do mundo por profissão, narrando com imagens as principais crises das últimas décadas. Hoje vive numa aldeia de antigos "trulli" entre Bari e Taranto (Itália), que ele remodelou, misturando a simpatia e os aromas do campo da Apúlia com a gentileza e os aromas da sua terra natal. «Aqui sinto-me em casa», diz enquanto oferece aos hóspedes uma chávena de chá preto e gengibre, e mostra a série de bonitos – «nem todos são cristãos», explica, indicando-os ao lado da porta do estúdio – que recolheu durante as suas inúmeras viagens: do Afeganistão ao Egito, da América Central a Sarajevo, do Iraque à Palestina... como indicam as etiquetas colocadas nas grandes caixas de plástico onde está conservado o arquivo de negativos e diapositivos.

O senhor leu a mensagem do Papa Francisco para o Dia das comunicações sociais deste ano? Fala sobre a necessidade de narrar, portanto, fala também de si.

Sim, a mensagem do Papa coincide com a minha vida. Contar histórias é a minha paixão como fotojornalista. Histórias bonitas, mas também tristes. De qualquer maneira, histórias verdadeiras, como revoluções, guerras, catástrofes naturais. A fotografia existe há 150 anos mas, como diz o Papa, o homem viveu sempre de narrações. No início, reunia-mo-nos em volta de uma fogueira. Depois começamos a gravar grafites nas paredes das grutas. Agora dispomos de meios que nos permitem partilhar as nossas imagens com milhões, bilhões de pessoas. Temos uma grande oportunidade e devemos saber utilizá-la para susentar esperança, para encorajar reações positivas, ainda que tenhamos de narrar histórias horríveis. Não tem sentido contar apenas boas histórias. Mas não sentido que narrem histórias negativas, é preciso fazê-lo para denunciar a maldade.

Esta "paixão" levou-o a arriscar a vida, como aconteceu no dia 26 de setembro de 1996 em Ramallah quando, durante os conflitos entre palestinos e soldados israelitas, o senhor foi gravemente ferido por um francotirador.

Se é fotografia, para contar uma história deves estar no centro da ação. E isto tem o seu preço a pagar.

Jerusalém
(1996, © Manoocher Deghati)



Conversa com o fotojornalista Manoocher Deghati

Nas ruínas da guerra, as pessoas diziam-me: «Os teus olhos são a nossa voz»

Como se narra uma história com uma fotografia?

Em primeiro lugar, é preciso interessar-se pelo que se deseja narrar. É necessário conhecer. É preciso saber por que motivo se quer contar aquilo. Isto é o mais importante. Depois, podes escolher se o queres fazer com uma única imagem, ou com uma série. Certa vez dediquei dois anos para fazer duas reportagens na Turquia para a "National Geographic". Trabalhei lá por mais de um mês para entrar na realidade daquele país. No final, tirei quase mil rolos de filme – naquela altura, era preciso contar os rolos! – e foram publicadas trinta fotografias. À France Presse ou à Associated Press, eu prestava serviços fotográficos. Assim, eu dedicava todas as minhas energias para poder tirar "a" fotografia, aquela que podia contar todas as informações, todos os elementos necessários para que também os outros entendessem o que acontecia diante dos meus olhos. E para transmitir uma mensagem.

Como está a mudar a sua profissão?

Os jornalistas, sobretudo os fotojornalistas, assustam o poder. Ora disparam contra nós, ora prendem-nos. Mas a melhor maneira de nos impedir foi cortar o financiamento da informação: sem dinheiro não se pode viajar, não se pode ir ver. Tudo começou há mais de vinte anos, com uma decisão editorial tomada a nível mundial. Assim, hoje

E qual é a sua mensagem?

Quando eu estava em zonas de guerra, sentia sempre que a minha função era denunciar o horror da guerra, pois odio guerras. Sentia que este era o meu dever. E a fotografia é o instrumento mais eficaz para transmitir esta mensagem. É uma linguagem universal, que todos podem compreender. Não há necessidade de meios culturais específicos para entender uma imagem. Esta é a força da fotografia!

Qual é a sua relação com as pessoas que fotografa?

A relação com os outros é muito importante. Não é suficiente ir a um lugar, levantar a máquina e fazer um clique. Não é assim que funciona! É preciso deixar sempre claro quais são as suas intenções. Se quiseres contar a história de modo honesto, verás que te abrirão todas as portas. Muitas vezes, especialmente em zonas de guerra, ouvi dizer: «Vai, fotografa! Mostra ao mundo como sofremos. Os teus olhos são a nossa voz!». E quando isto acontece, significa que conseguiste fazer algo realmente positivo.

Um fotógrafo de guerra pode narrar histórias positivas?

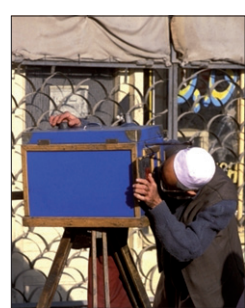
Sim, mesmo que tenha de descrever o mal, pois quando fotografia, é como se dissesse: «Este é o mal que não deve existir». Se eu não estivesse convencido disto, não teria desempenhado esta profissão. Creio, e sempre acreditei, que fotografar, contar histórias, deve ter consequências positivas para a sociedade, deve suscitar uma mudança.

Algumas das suas fotos alcançaram este objetivo.

Algo aconteceu a nível internacional, quando alguns jornais publicaram fotografias que mostravam autoridades cometidas por regimes autoritários. Naquela altura, ninguém podia dizer que não sabia.

Como está a mudar a sua profissão?

Os jornalistas, sobretudo os fotojornalistas, assustam o poder. Ora disparam contra nós, ora prendem-nos. Mas a melhor maneira de nos impedir foi cortar o financiamento da informação: sem dinheiro não se pode viajar, não se pode ir ver. Tudo começou há mais de vinte anos, com uma decisão editorial tomada a nível mundial. Assim, hoje



Um fotógrafo de rua em Kahal (2002, © Manoocher Deghati)

acontece que um jovem que, por exemplo, estive na Síria arriscando a vida, regresso com fotografias incríveis, mas que ninguém quer publicar. «Não temos fundos», dizem. E depois vês que por um mexerico chegam a pagar até cem mil euros. Há dinheiro, mas não para a verdade.

Também os smartphones e as redes sociais influenciaram?

Ensinei fotografia no mundo inteiro: da Guatemala ao Afeganistão, onde fundei a primeira escola de fotojornalismo, aberta inclusive às mulheres. Na verdade, sempre pensei que uma história pode ser contada melhor por aqueles que a vivem, do que por nós, enviados, que moramos em Nova Iorque ou em Paris, e que passamos lá uma semana. Hoje em dia a situação está a mudar rapidamente. A difusão dos smartphones faz com que, da Amazônia às grandes capitais europeias, haja sempre alguém pronto para tirar uma fotografia. Quando comeci a trabalhar, éramos talvez uma centena de fotojornalistas no mundo inteiro. Hoje contam-se bilhões de fotógrafos. É incrível! Já não se pode esconder nada. Todos somos testemunhas. E no momento em que compartilhamos estas imagens, deixamos de ser testemunhas silenciosas. O exemplo mais recente é o assassinato de George Floyd, em Minneapolis. As imagens da sua morte não foram feitas por um profissional. No entanto, tiveram um efeito incrivelmente a nível planetário, mobilizando milhões de pessoas contra o racismo. Trata-se de um bom exemplo do modo como as imagens podem mudar o mundo. E agora este poder está no bolso de todos.

Esta é a força das imagens.

Inclusive a fotografia do Papa, sozinho na praça de São Pedro, que reza pela libertação do mundo da pandemia, tem um poder extraordinário. Porque não se trata de uma imagem construída, mas é a verdade. Naquela praça, até alguns dias antes apinhada de fiéis, o Papa quis dizer com força: «Eis-me aqui. Embora não possa vir, eu estou convosco». Esta é a mensagem!

A declaração “Nostra aetate”

E o Concílio abriu o caminho ao diálogo com as religiões

ANDREA TORNIELLI

A declaração conciliar *Nostra aetate*, aprovada pelos padres do Vaticano II e promulgada por Paulo VI a 28 de outubro de 1965, marcou uma viragem irreversível nas relações entre a Igreja católica e o judaísmo, na sequência dos passos dados por João XXIII, e alterou significativamente a abordagem do catolicismo em relação às religiões não cristãs. É considerado um texto fundador para o diálogo com outras confissões religiosas, resultado de um longo trabalho redatorial.

Relação única entre cristianismo e judaísmo

A parte central do documento diz respeito ao judaísmo: «Sondando o mistério da Igreja, este sagrado Concílio recorda o vínculo com que o povo do Novo Testamento está espiritualmente ligado à descendência de Abraão... Sendo assim tão grande o património espiritual comum aos cristãos e aos judeus, este sagrado Concílio quer fomentar e recomendar entre eles o mútuo conhecimento e estima, os quais se alcançarão sobretudo por meio dos estudos bíblicos e teológicos e com os diálogos fraternos». Palavras que representam o reconhecimento das raízes judaicas do cristianismo e da relação única que existe entre fé cristã e judaísmo, como João Paulo II assinalou em abril de 1986, quando visitou a Sinagoga em Roma. Um tema sobre o qual refletiu também enquanto teólogo Joseph Ratzinger que, como bispo de Roma, em visita à Sinagoga da capital em janeiro de 2010, recordou que «a doutrina do Concílio Vaticano II» representou para os católicos «um ponto firme ao qual fazem referência constante na atitude e nas relações com o povo judeu, marcando uma etapa nova e significativa. O acontecimento conciliar deu um impulso decisivo no compromisso de se percorrer irrevogavelmente um caminho de diálogo, fraternidade e amizade».

Acaba a acusação de deicídio contra o povo judeu

Outra declaração decisiva no documento diz respeito à condenação do antissemitismo. Além de deplorar «os ódios, perseguições e manifestações de antissemitismo, seja qual for o tempo em que isso sucedeu e seja quem for a pessoa que isso promoveu contra os judeus», a declaração do Concílio explica que a responsabilidade pela morte de Jesus não deve ser atribuída a todos os judeus. «Ainda que as autoridades dos judeus e os seus sequazes urgiram a condenação de Cristo à morte não se pode, todavia, imputar indistintamente a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus do nosso tempo».

O raio de verdade que as outras religiões refletem

Na parte inicial da *Nostra aetate* são citados o hinduísmo e o budismo e em geral as outras religiões, explicando que «de igual modo, as outras religiões que existem no mundo procuram de vários modos ir ao encontro das inquietações do coração humano, propondo caminhos, isto é, doutrinas e normas de vida e também ritos sagrados. A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens».

A estima pelos crentes do Islão

Um parágrafo importante é dedicado à fé muçulmana. «A Igreja olha também com estima para os muçulmanos. Adoram eles o Deus Único, vivo e subsistente, misericordioso e onipotente, criador do céu e da terra, que falou aos homens e a cujos decretos, mesmo ocultos, procuram submeter-se de todo o coração, como a Deus se submeteu Abraão, que a fé islâmica de bom grado evoca. Embora sem o reconhecerem como Deus, veneram Jesus como profeta, e honram Maria, sua mãe virginal, à qual por vezes invocam devotamente. Esperam pelo dia do juízo, no qual Deus remunerará todos os homens, uma vez ressuscitados. Têm, por isso, em apreço a vida moral e prestam culto a Deus, sobretudo com a oração, a esmola e o jejum».



Paulo VI e os “confessores da fé muçulmana”

Entre as medidas significativas tomadas nos anos seguintes pelos Pontífices em diálogo com o mundo islâmico estão as palavras pronunciadas em julho de 1969 por Paulo VI no Uganda, quando o Papa prestou homenagem aos primeiros mártires cristãos africanos fazendo uma comparação que também associava os crentes muçulmanos ao martírio sofrido pelos soberanos das tribos locais. «Temos a certeza de que estamos em comunhão convosco», disse, dirigindo-se aos representantes da fé islâmica na nunciatura de Campala, «quando imploramos o Altíssimo, para que desperte no coração de todos os crentes em África o desejo de reconciliação, de perdão tantas vezes recomendado no Evangelho e no Alcorão». O Papa Montini acrescentou: «E como não associar o testemunho de piedade e fidelidade dos mártires católicos e protestantes à memória daqueles confessores da fé muçulmana, cuja história nos recorda que foram os primeiros, em 1848, a pagar com a vida por se recusarem a transgredir as prescrições da sua religião?».

“Descendentes de Abraão”

Em novembro de 1979, ao encontrar-se com a pequena comunidade católica em Ancara, João Paulo II reafirmou a estima da Igreja pelo Islão e disse que «a fé em Deus, professada pelos descendentes espirituais de Abraão – cristãos, muçulmanos e hebreus – quando é vivida tão sinceramente que penetra a vida, torna-se princípio seguro da dignidade, da fraternidade e da liberdade dos homens, e causa determinante de retidão no comportamento moral e na vida em sociedade. Mais: como consequência desta fé em Deus criador e transcendente, o homem encontra-se no vértice da criação».

O discurso em Casablanca

Um marco neste caminho é representado por outro discurso de João Paulo II, proferido em agosto de 1985 em Casablanca, Marrocos, diante de jovens muçulmanos. «Cristãos e muçulmanos – disse o Papa Wojtyła naquela ocasião – temos muitas coisas em comum, como crentes e como homens. Vivemos no mesmo mundo, sulcados por muitos sinais de esperança, mas também por muitos sinais de angústia. Abraão é para nós o mesmo modelo de fé em Deus, de submissão à sua vontade e de confiança na sua bondade. Nós acreditamos no mesmo Deus, o único Deus, o Deus vivo, o Deus que cria os mundos e leva as suas criaturas à perfeição». João Paulo II recordou que «hoje o diálogo entre cristãos e muçulmanos é necessário como nunca. Ele deriva da nossa fidelidade a Deus e supõe que sabemos reconhecer Deus através da fé e testemunhá-lo mediante a

palavra e a ação num mundo cada vez mais secularizado e por vezes ateu».

Em Assis com João Paulo e Bento

No ano seguinte, a 27 de outubro de 1986, o Pontífice convocou representantes das religiões do mundo em Assis para rezar pela paz ameaçada, um encontro que se tornou um símbolo de diálogo e de compromisso comum entre crentes de diferentes religiões. «A reunião de tantos líderes religiosos para rezar é, em si mesma, um convite para que o mundo de hoje tome consciência de que existe outra dimensão da paz e outra forma de a promover, que não é o resultado de negociações, compromissos políticos ou negociações económicas. Mas o resultado da oração que, apesar da diversidade das religiões, exprime uma relação com um poder supremo que ultrapassa as nossas capacidades humanas». Celebrando em Assis o 25º aniversário desse acontecimento, Bento XVI advertiu contra a ameaça representada pelo abuso do nome de Deus para justificar o ódio e a violência, citando a este respeito o uso da violência perpetrado pelos cristãos ao longo da história («reconhecemo-lo, cheios de vergonha»), mas também observou que «o “não” a Deus produziu crueldade e uma violência sem medida, que foi possível só porque o homem deixara de reconhecer qualquer norma e juiz superior, mas tomava por norma somente a si mesmo. Os horrores dos campos de concentração mostram, com toda a clareza, as consequências da ausência de Deus».

Do Concílio ao documento de Abu Dhabi

A declaração conciliar *Nostra aetate* conclui-se com um parágrafo dedicado à “Fraternidade universal”: «Não podemos, porém, invocar Deus como Pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à Sua imagem. De tal maneira estão ligadas a relação do homem a Deus Pai e a sua relação com os outros homens seus irmãos, que a Escritura afirma: “quem não ama, não conhece a Deus”. Carece, portanto, de fundamento toda a teoria ou modo de proceder que introduza entre homem e homem ou entre povo e povo qualquer discriminação quanto à dignidade humana e aos direitos que dela derivam». Esta tradição é recordada no documento sobre a Fraternidade humana assinado pelo Papa Francisco e pelo Grão Imame de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyeb a 4 de fevereiro de 2019, em Abu Dhabi, escrito «Em nome de Deus, que criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade e os chamou a conviver entre si como irmãos, a povoar a terra e a espalhar sobre ela os valores do bem, da caridade e da paz».

No 60º aniversário do Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos

O ecumenismo guiado pelo Espírito

BRIAN FARRELL*

Há sessenta anos, um inspirado ato do Santo Papa João XXIII deu início a uma mudança que imediatamente ganhou força e determinou uma nova direção na vida concreta da Igreja católica em relação a outras Igrejas e Comunhões cristãs. A instituição do Secretariado para a Unidade dos Cristãos (agora Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos) era parte integrante dessa atualização, da qual o catolicismo há muito necessitava. O Secretariado, sob a chefia do seu primeiro presidente, cardeal Augustin Bea, foi encarregado de trazer para a agenda do Concílio, entre outras, a questão urgente de superar as divisões e rivalidades seculares no mundo cristão, e o restabelecimento daquela unidade desejada pelo próprio Senhor: *Ut unum sint* (Jo 17, 21). Esta tarefa peculiar apresentou-se como um desafio muito difícil. Para que os católicos pudessem participar no movimento ecumênico, que já estava a ser estruturado entre protestantes e ortodoxos, era necessária uma mudança radical de perspectiva sobre a Igreja, bem como acerca da natureza e do valor de outras comunidades cristãs. Esqueçamos facilmente que a grande maioria dos bispos reunidos na Basílica de São Pedro a 11 de outubro de 1962 para iniciar o Concílio, por causa da sua formação, estavam convencidos de que fora da Igreja católica só havia cisma e heresia.

O grande milagre, um dom epocal de Deus à Igreja, consistiu no facto que, em quatro anos de Concílio, esses mesmos bispos chegaram a uma visão da Igreja profundamente renovada, que naquele momento e mesmo mais tarde pode ter parecido uma novidade preocupante, mas que, de facto, mais não era do que a reapropriação de dinâmicas eclesiais firmemente enraizadas na mais pura tradição da Igreja de sempre. Nesta renovada visão eclesiológica, os Padres conciliares reconheceram que as outras Igrejas e Comunhões cristãs «no mistério da salvação não são de modo algum desprovidas de sentido e valor» (*Unitatis redintegratio*, 3). Na verdade, «o Espírito de Cristo não se recusa a usá-las como instrumentos de salvação» (*ibidem*). Consequentemente, o dever de restabelecer a unidade dos discípulos de Cristo revelou-se como um requisito indispensável.

A história da influência que o Secretariado (Pontifício Conselho) teve sobre estes desenvolvimentos durante e após o Concílio está bem documentada e é o que recordamos e celebramos neste sexagésimo aniversário. Ao longo dos anos, as relações fraternas com outros cristãos e os diálogos teológicos destinados a superar as divisões multiplicaram-se com abundantes resultados, a ponto de transformar profundamente a própria fisionomia do mundo cristão. Aqui, porém, limitamo-nos a uma breve reflexão sobre um aspeto da busca da unidade, que pode parecer um pouco técnico, mas que ilustra bem o caminho que o Espírito Santo está a abrir ao movimento

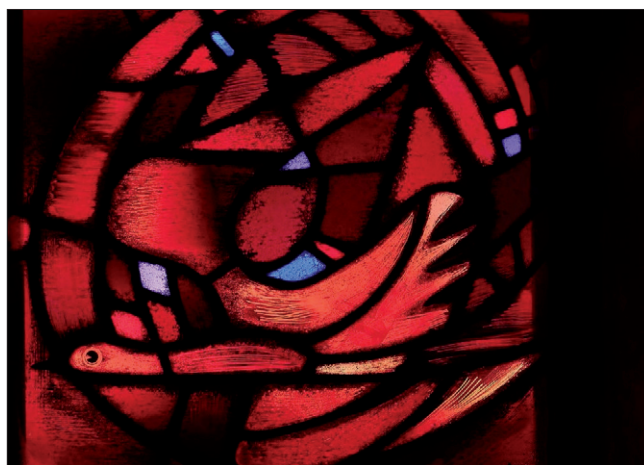
ecumênico e que, ao que nos parece, envolve um desafio ecumênico capital para o futuro: o próprio conceito de diálogo.

A metodologia do diálogo que amadurece

Já em 1965, quando o então secretariado para a promoção da unidade dos cristãos estava prestes a pôr em prática o convite expresso pelo Concílio Vaticano II para estabelecer relações ecuménicas com outras igrejas e comunhões eclesiais, o grupo misto de trabalho (GMT) entre a igreja católica e o Concílio ecuménico das igrejas estudava a questão da metodologia a seguir no diálogo ecuménico. Em 1967, o GMT publicou os resultados desta reflexão num documento de trabalho (cf. *Service d'informations*, 1967/3, p. 27). Três anos mais tarde, o Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos produziu também um texto que continha «reflexões e sugestões relativas ao diálogo ecuménico» (cf. *ibidem*, 1970/IV, p. 5). Os dois documentos, na sua complementaridade, proporcionam uma base sólida e uma referência útil aos comités de diálogo desde há várias décadas. Com o passar do tempo, porém, surgiu a necessidade de um maior esclarecimento do conceito de diálogo. De facto, ambos os documentos pareciam oscilar entre duas noções de diálogo: por um lado, o diálogo entendido como a busca comum de uma compreensão mais profunda da verdade numa tentativa de chegar a um acordo; por outro, o diálogo visto como um esforço para manifestar e expressar a comunhão real, embora incompleta, que já existe entre comunidades divididas com base na graça baptismal comum e outros elementos da Igreja fundada pelo Senhor.

A questão crucial era se o diálogo é fundamentalmente um discurso teológico, na esperança de descobrir que se está de acordo sem o ter conhecido previamente, ou se é a aquisição de um «suplemento da Igreja» que talvez esteja na sombra mas que o diálogo traz à luz e que permite que os parceiros se descubram mais próximos do que pensavam, porque têm o mesmo dom comum da graça. Nesta base, o diálogo tem dado muitos frutos. No entanto, permaneceu principalmente ao nível académico, como um intercâmbio de ideias entre os vários interlocutores. Com frequência os acordos alcançados respondiam a questões relacionadas com controvérsias históricas e, por vezes, havia a impressão de que se tratava de uma questão interna entre especialistas. Consequentemente, os progressos pareciam ter pouca relevância para a vida dos fiéis e eram difíceis de compreender. Por isso, surgiu a necessidade de aperfeiçoar o conceito de diálogo para que os resultados pudessem traduzir-se numa experiência concreta de vida eclesial, como testemunho comum e serviço de amor solidário.

Há vinte e cinco anos, na encíclica *Ut unum sint*, o Papa João Paulo II enriqueceu o conceito de diálogo ecuménico, dando-lhe uma nova di-



Vitral sobre o Pentecostes, obra do Ir. Éric de Saussure na igreja da Reconciliação em Taizé

menção. De facto, a encíclica inscreve o diálogo no contexto de uma visão antropológica profunda: o diálogo não é apenas uma troca de ideias, mas é um dom de si próprio ao outro, feito de forma recíproca como uma ação existencial. Antes de falar do diálogo como forma de superar desacordos, a encíclica sublinha a sua dimensão vertical. O diálogo não se realiza simplesmente a nível horizontal, mas tem em si uma dinâmica transformadora como caminho de renovação e conversão, um encontro não só erudito mas também espiritual que permite «um intercâmbio de dons» (nn. 28 e 57). Portanto, o diálogo requer necessariamente um exame de consciência e uma purificação do coração e da memória, levando a um reconhecimento mútuo e à superação dos «pecados contra a unidade», tanto pessoais como sociais e estruturais. «A dimensão vertical do diálogo reside no reconhecimento comum e mútuo da nossa condição de homens e mulheres que pecaram. É precisamente isto que abre nos irmãos e irmãs que vivem em comunidades não em plena comunhão entre eles aquele espaço interior no qual Cristo, fonte da unidade da Igreja, pode agir eficazmente, com toda a força do seu Espírito, o Paráclito» (n. 35).

O diálogo pressupõe, portanto, um verdadeiro desejo de reforma, devido a uma fidelidade mais radical ao Evangelho e à superação de toda e qualquer vaidade eclesial. Se não queremos que o movimento ecuménico avance para um declínio irreversível, é necessário que este processo de renovação não seja apenas uma questão pessoal, mas que seja também aceite pelas Igrejas e Comunidades Eclesiais em diálogo; requer coragem por parte de todos, inclusive de nós, católicos.

A metodologia do diálogo que envolve

Com a convicção de quem sempre cultivou amizades entre irmãos e irmãs de outras Igrejas e comunidades eclesiais, e foi ativo no diálogo ao longo da sua vida como teólogo e

pastor, o Papa Bento XVI contribuiu ainda mais para aprofundar o conceito de diálogo. Em primeiro lugar, deixou claro que a troca de dons ecuménicos não pode ser o resultado de vantagens e desvantagens de ponderação, a fim de se chegar a um compromisso. Esta forma de pensar e de operar seria um equívoco político de fé e de ecumenismo. Diante do grande problema da ausência de Deus na sociedade, o Papa Bento XVI convidou-nos a ler toda a tarefa ecuménica não em termos de uma secularização tática da fé, mas em termos de uma fé repensada e vivida de uma forma nova, através da qual Cristo, e com Ele o Deus vivo, entra neste nosso mundo de hoje. De facto, os dons ecuménicos entre os cristãos não são apenas ideias e estruturas eclesiais, mas são essencialmente «uma penetração cada vez mais profunda na fé através do pensamento e da vida», aos quais, juntos, devemos dar continuidade. Segundo Bento XVI, é necessário ir além da era confessional em que se olha sobretudo para o que separa, para entrar na era da comunhão «nas grandes directrizes da Sagrada Escritura e nas profissões de fé do cristianismo antigo» e «no compromisso comum em prol da ética cristã face ao mundo» (cf. *Discurso no encontro com os representantes do Conselho da Igreja Evangélica na Alemanha*, Erfurt, 23 de setembro de 2011).

Em continuidade com os seus predecessores, o Papa Francisco falou frequentemente do diálogo ecuménico como uma troca de dons. Mas falou com uma dupla atitude, que se tornou o estilo do ecumenismo na época de Francisco: a saudável impaciência daqueles que pensam que devemos fazer mais, e a convicção de que a unidade dos cristãos exige a vontade de aprender uns com os outros, sem esperar que outros aprendam primeiro de nós (cf. *Homília* de 25 de janeiro de 2017). Esta atitude ecuménica exige uma elevada visão, teológica e espiritual, da comunhão já existente entre os cristãos: «E até quando as divergências



Esperança do novo presidente do Episcopado português

Construir uma humanidade melhor

«Devemos construir um mundo que não seja totalmente igual, que utilize toda a riqueza que temos, mas que seja também capaz de sonhar com novos mundos, aprendendo com todos os esforços que foram feitos neste momento para construir uma humanidade melhor para todos. Este é o desejo expresso pelo bispo de Setúbal, José Ornelas Carvalho, eleito novo presidente da Conferência Episcopal Portuguesa que se reuniu em sessão plenária em Fátima de 15 a 17 de junho passado. No final dos trabalhos foi elaborado um documento que representa, explicou o prelado, uma reflexão sobre a reconstrução da sociedade em Portugal após a pandemia do coronavírus.

A principal lição a aprender com o sofrimento e a dor causados pela Covid-19, lê-se no documento, «é a redescoberta do valor de cada vida humana, pois só esse valor pode justificar as consequências das medidas tomadas para evitar a propagação da doença». Juntamente com ele, continuam os bispos, foi também reavaliado o valor da missão dos profissionais de saúde que merecem reconhecimento pela atenção dispensada aos doentes. Sobreretudo pela sua admirável dedicação ao cuidado dos idosos, procurando aliviar o seu sofrimento e fragilidade. Mas se, por um lado, se descobriu a importância da defesa da vida humana, por outro, salientam os prelados, encontramos-nos confrontados com a sua precariedade. Por isso, «ela deve ser também uma oportunidade para redescobrir Deus, a quem devemos esta vida e que nos chama a partilhar com Ele outra Vida, de plenitude e eternidade».

Outro aspeto dramático causado pela doença infecciosa é o que está relacionado com a crise económica, sublinha o documento. «A pandemia fez-nos sentir que somos uma só família humana e que “estamos todos no mesmo barco”». Seria pos-

sitivo se esta consciência «fosse alargada a outras áreas da vida social, antes de mais à forma de lidar com a crise económica e social que já estamos a atravessar». No entanto, a superação desta situação exige uma coesão sem precedentes entre os atores sociais e políticos. «O Estado tem um papel importante — é reiterado — mas talvez ainda mais importante seja o da sociedade civil. Esta crise parece não ter precedentes na sua gravidade e, por conseguinte, requer um esforço de solidariedade extraordinário».

Quais são, então, as bases a partir das quais recomendar para reconsiderar o sistema económico? «Preservar o que é bom e corrigir o que é negativo e injusto — sugerem os prelados — como a desigualdade e a destruição do meio ambiente». Uma oportunidade única, em síntese, para dar vida a um projeto «no qual os valores da solidariedade não só movam ações de apoio social, mas também penetrem na economia e no mercado». Só assim será possível criar empregos «através de métodos mais rápidos e económicos, com requisitos estruturais de longo prazo que exijam investimentos mais consentâneos com os objetivos do desenvolvimento sustentável». Devemos resistir — advertem — à tentação de ver a curto prazo e esquecer os perigos muito mais graves que podem ocorrer num futuro não tão distante».

A globalização da solidariedade, portanto, partindo precisamente das intervenções de saúde pública: por exemplo, tornar a futura vacina contra a Covid-19 acessível a todos. É também isto que os governos da União Europeia são chamados a fazer, está escrito no documento, enfrentando um desafio «que pode ser o maior da sua história» e agindo como uma verdadeira comunidade, onde cada qual sente os dramas que afetam os outros como se fossem seus.

Carta da Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos às Conferências episcopais

Três novas invocações nas ladainhas lauretanas

O Papa Francisco dispôs que no formulário das ladainhas da Bem-Aventurada Virgem Maria, conhecida como “lauretanas”, fossem inseridas as invocações “Mater misericordiae”, “Mater spei” e “Solacium migrantium”. Anuncia isto uma carta enviada pelo cardeal prefeito e pelo arcebispo secretário da Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos a todos os presidentes das Conferências episcopais. Publicamos a nossa tradução.

Carta aos presidentes das conferências episcopais sobre as invocações “Mater misericordiae”, “Mater spei” e “Solacium migrantium” a inserir nas ladainhas lauretanas

Vaticano, 20 de junho de 2020,

Memória do Imaculado Coração da Bem-Aventurada Virgem Maria

Em.mo,

Peregrina rumo à Santa Jerusalém do céu, para gozar da comunhão inseparável com Cristo, seu Esposo e Salvador, a Igreja percorre os caminhos da história confiando naquela que acreditou na palavra do Senhor. De facto, sabemos pelo Evangelho que os discípulos de Jesus aprenderam, desde o início, a louvar a “bendita entre as mulheres” e a contar com a sua intercessão materna. Inúmeros são os títulos e as invocações que a piedade cristã, ao longo dos séculos, reservou à Virgem Maria, caminho privilegiado e seguro para o encontro com Cristo. Também no tempo presente, marcado por motivos de incerteza e perplexidade, o devoto recurso a ela, cheio de afeto e confiança, é particularmente sentido pelo povo de Deus.

Intérprete deste sentimento, o Sumo Pontífice Francisco, acolhendo os desejos expressos, quis dispor que, no formulário das ladainhas da bem-aventurada Virgem Maria, chamadas “Lauretanas”, sejam inseridas as invocações “Mater misericordiae”, “Mater spei” e “Solacium migrantium”.

A primeira invocação será colocada após “Mater Ecclesiae”, a segunda depois de “Mater divinae gratiae”, e a terceira após “Refugium peccatorum”.

Feliz por comunicar a Vossa Excelência tal disposição para conhecimento e aplicação, aproveito o ensejo para lhe expressar os meus sentimentos de estima.

De Vossa Excelência devotíssimo no Senhor,

Robert Card. Sarah
Prefeito

Arthur Roche
Arcebispo Secretário

O ecumenismo guiado pelo Espírito

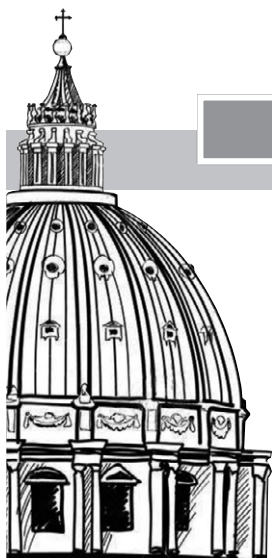
CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 9

nos separam, reconhecemos que pertencemos ao povo dos crentes, à mesma família de irmãos e irmãs amados pelo único Pai» (*Homilia*, 25 de janeiro de 2018). Tal ecumenismo requer que se renuncie à convicção de que o nosso caminho é o único possível, para começar a pensar, a julgar e a trabalhar na perspectiva da inteira família cristã, onde todos os batizados têm uma fé comum, e cada um contribui com os próprios dons de graça em benefício dos outros.

Certamente, nesta perspectiva, surge imediatamente uma questão: o que fazer em relação às diferenças entre as diversas Igrejas e Comunhões separadas? Talvez, como sugerem algumas pessoas, após décadas de concentração na redescoberta do que temos em comum, tenha chegado o momento de uma revisão global da metodologia ecuménica devido a uma «nova hermenêutica das diferenças» (cf. Pla-

cido Sgroi, *Verso un ecumenismo narrativo*, em “Quaderni di studi ecumenici”, 37, 2018, p. 11 e s.). Seria uma questão de discernir até que ponto as diferenças entre as comunhões podem ser consideradas complementares e não irremediavelmente contraditórias. Talvez seja este o desafio capital que irá determinar o progresso ou o impasse do movimento ecuménico nos próximos anos. Por outro lado, nos seus sessenta anos de vida, o Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos dá testemunho de como o Espírito Santo tem orientado incessantemente o caminho da restauração da unidade dos cristãos com aspetos e resultados surpreendentes. Ele fá-lo-á novamente. «Aquele que está sentado no trono declarou: “Eis que renovo todas as coisas”» (Ap 21, 5).

*Bispo
Secretário do Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos



INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 18 de junho

O Senhor Cardeal Francesco Montenegro, Arcebispo de Agrigento (Itália), com o Bispo Coadjutor, D. Alessandro Damiano, e com D. Vincenzo Bertolone, Arcebispo de Cantzaro-Squillace.

Sua Ex.^{cia} o Conde John Cornet d'Elzius, Embaixador da Bélgica, em visita de despedida.

No dia 19 de junho

Na parte da tarde: o Senhor Cardeal Angelo Becciu, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos.

No dia 20 de junho

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

Suas Ex.^{cias} os Senhores George Umo Godwin, Embaixador da Nigéria; e George Sibi, Embaixador da Índia, ambos em visita de despedida.

No dia 22 de junho

Os Senhores Cardeais Angelo De Donatis, Vigário-Geral para a Diocese de Roma; e Stanislaw Rylko, Arcepreste da Basílica Papal de Santa Maria Maior; e D. Vincenzo Paglia, Presidente da Pontifícia Academia para a Vida.

No dia 24 de junho

D. Domenico Cornacchia, Bispo de Molfetta-Ruvo-Giovinazzo-Terlizzi, na Itália.

Renúncias

O Sumo Pontífice aceitou a renúncia:

A 18 de junho

De D. Luigi Marrucci, ao governo pastoral da Diocese de Civitavecchia-Tarquínia (Itália).

A 19 de junho

De D. Francesco Panfilio, S.D.B., ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Rabaul (Papua-Nova Guiné).

A 23 de junho

De D. Antonio J. Ledesma, S.J., ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Cagayan de Oro (Filipinas).

De D. Luis Armando Tineo Rivera, ao governo pastoral da Diocese de Carora (Venezuela).

A 24 de junho

De D. Philip Lasap Za Hawng, ao governo pastoral da Diocese de Lashio (Myanmar).

Nomeações

O Santo Padre nomeou:

No dia 18 de junho

Bispo de Civitavecchia-Tarquínia (Itália), D. Gianrico Ruzza, até agora Bispo Titular de Subaugusta e Auxiliar da Diocese de Roma.

Bispo Auxiliar da Diocese de San Cristóbal de Venezuela (Venezuela), o Rev.^{do} Pe. Juan Alberto Ayala Ramírez, do clero da mesma Diocese, até esta data Vigário Episcopal para o Setor Territorial "Espírito Santo" e Pároco de "Nuestra Señora de los Ángeles" em La Grita, simultaneamente eleito Bispo Titular de Rusubisir.

D. Juan Alberto Ayala Ramírez nasceu na localidade de San Pedro de Pregonero, Venezuela, a 15 de novembro de 1973, e foi ordenado Presbítero no dia 1 de novembro de 2002.

No dia 19 de junho

Membros do Pontifício Conselho para os Textos Legislativos, os Senhores Cardeais Luis Antonio G. Tagle, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos; Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé; Dominique Mamberti, Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica; e Joseph Kevin Farrell, Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida.

Arcebispo Metropolitano de Rabaul (Papua-Nova Guiné), D. Rochus Josef Tatamai, M.S.C., até hoje Bispo de Kavieng.

Bispo de Duluth (Estados Unidos da América), o Rev.^{do} Pe. Michel Mulloy, do clero da Diocese de Rapid City, até à presente data Administrador Diocesano da mesma Sede.

D. Michel Mulloy nasceu a 20 de maio de 1954, em Mobridge, nos Estados Unidos da América, e recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 8 de junho de 1979.

Bispo de Mandeville (Jamaica), o Rev.^{do} Pe. John Derek Persaud, do clero de Georgetown (Guiana), até esta data Vigário-Geral, Vigário para o clero e Administrador da Catedral.

D. John Derek Persaud nasceu em Georgetown (Guiana), no dia 28 de agosto de 1956, e foi ordenado Sacerdote em 14 de julho de 1985.

No dia 20 de junho

Bispo de Copiapó (Chile), o Rev.^{do} Pe. Ricardo Basilio Morales Galindo, O. de M., ex-Administrador Apostólico «sede vacante et ad nutum Sanctae Sedis» da Arquidiocese de Puerto Montt.

D. Ricardo Basilio Morales Galindo, O. de M. nasceu em San Fernando, no Chile, a 11 de setembro de 1972, e recebeu a Ordenação presbiteral no dia 3 de março de 2006.

Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Santo Domingo (República Dominicana), o Rev.^{do} Pe. José Amable Durán Tineo, do clero da Arquidiocese de Santiago de los Caballeros, até hoje Reitor do Seminário Nacional «Santo Tomás de Aquino» em Santo Domingo, simultaneamente eleito Bispo Titular de Tacía Montana.

D. José Amable Durán Tineo nasceu no dia 13 de agosto de 1971, em San José de las Matas, na República Dominicana, e foi ordenado Presbítero em 6 de janeiro de 2000.

No dia 23 de junho

Arcebispo Metropolitano de Cagayan de Oro (Filipinas), D. Jose A. Cabantan, até à presente data Bispo de Malaybalay.

No dia 24 de junho

Bispo de Lashio (Myanmar), D. Lucas Jeimphaung Dau Ze, S.D.B., até à presente data Coadjutor da mesma Sede.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 12 de junho

D. Lino Garavaglia, Bispo Emérito de Cesena-Sarsina (Itália).

O saudoso prelado nasceu em Mesero, na Itália, no dia 9 de setembro de 1927. Foi ordenado Sacerdote dos frades menores capuchinhos em 5 de dezembro de 1954 e recebeu a Ordenação episcopal a 8 de março de 1986.

A 13 de junho

D. Philippe Barakat, Arcebispo de Homs, Emesa dos Sírios, na Síria.

O ilustre Prelado nasceu no dia 1 de julho de 1952 em Zeidal, Arquieparquia de Homs dos Sírios (Síria). Recebeu a Ordenação sacerdotal em 15 de agosto de 1976 e foi ordenado Bispo a 7 de maio de 2006.

A 15 de junho

D. Anton Schlembach, Bispo Emérito de Speyer (Alemanha).

O saudoso Prelado nasceu em Großwenkheim, na Alemanha, a 7 de fevereiro de 1932. Foi ordenado Presbítero no dia 10 de outubro de 1956 e recebeu a Ordenação episcopal em 16 de outubro de 1983.

A 23 de junho

D. Jesus Armamento Dosado, Arcebispo Emérito de Ozamiz, nas Filipinas.

O ilustre Prelado nasceu no dia 1 de setembro de 1939, em Sogod (Filipinas). Recebeu a Ordenação sacerdotal para a Congregação da Missão em 28 de maio de 1966 e foi ordenado Bispo a 25 de janeiro de 1978.

D. César Bosco Vivas Robelo, Bispo Emérito de León (Nicarágua), por causa da covid-19.

O saudoso Prelado nasceu em Masaya, na Nicarágua, a 14 de novembro de 1941. Foi ordenado Presbítero em 17 de maio de 1970 e recebeu a Ordenação episcopal no dia 21 de novembro de 1981.

Congregação para as causas dos santos

Promulgação de decretos

A 19 de junho, o Papa Francisco recebeu em audiência o cardeal Angelo Becciu, prefeito da Congregação para as causas dos santos. Durante a audiência, o Pontífice autorizou a mesma Congregação a promulgar os decretos relativos:

- ao milagre, atribuído à intercessão do venerável servo de Deus Mamerto Esquiú, da ordem dos Frades Menores, Bispo de Córdoba (Argentina); nascido a 11 de maio de 1826 em San José de Piedra Blanca (Argentina) e falecido no dia 10 de janeiro de 1883 em La Posta de El Suncho (Argentina);
- ao milagre, atribuído à intercessão do venerável servo de Deus Francisco Maria da Cruz (no século: João Batista Jordan), sacerdote, fundador da Sociedade do Divino Salvador (Salvatorianos) e da Congregação das Irmãs do Divino Salvador (Salvatorianas); nascido no dia 16 de junho de 1848 em Gurtweil (Alemanha) e falecido a 8 de setembro de 1918 em Tafers (Suíça);

- ao milagre, atribuído à intercessão do venerável servo de Deus José Gregório Hernández Cisneros, leigo; nascido a 26 de outubro de 1864 em Isnotú (Venezuela) e falecido no dia 29 de junho de 1919 em Caracas (Venezuela);

- ao martírio da serva de Deus Maria Laura Mainetti (no século: Teresina Elsa), religiosa professa da congregação das Filhas da Cruz, Irmãs de Santo André; nascida em Colico (Itália) no dia 20 de agosto de 1939 e assassinada em Chiavenna (Itália), por ódio à fé, a 6 de junho de 2000;

- às virtudes heróicas da serva de Deus Glória Maria de Jesus Elizondo García (conhecida como Esperança), superiora-geral da Congregação das Catequistas Missionárias dos Pobres; nascida a 26 de agosto de 1908 em Durango (México) e falecida em Monterrey (México) no dia 8 de dezembro de 1966.

ANGELUS

O Papa rezou também pelo Iémen e pela Ucrânia

Soluções pacíficas para a crise na Síria

Síria, Iémen e Ucrânia: no Angelus de domingo, 28 de junho, o pensamento do Papa foi pelas populações destes três países que estão a viver situações de emergência causadas por graves crises políticas, sociais e humanitárias. Francisco recordou-as no final da prece mariana – recitada com os fiéis na praça de São Pedro no respeito das medidas de segurança adotadas devido à pandemia – depois da reflexão dedicada ao trecho evangélico (Mateus 10, 37-42) da liturgia dominical.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho deste domingo (cf. Mt 10, 37-42) ressoa fortemente o convite a viver plenamente e sem hesitação a nossa adesão ao Senhor. Jesus pede aos seus discípulos que levem a sério as exigências do Evangelho, mesmo quando isto requer sacrifício e esforço.

O primeiro pedido exigente que Ele faz aqueles que O seguem é que coloquem o amor a Ele acima dos afetos familiares. Ele diz: «Quem amar o pai ou a mãe, [...] o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim» (v. 37). Jesus não pretende certamente substituir o amor pelos pais e filhos, mas sabe que os laços de parentesco, se forem postos em primeiro lugar, podem desviar do verdadeiro bem. Vemo-lo: acontecem algumas corrupções nos governos precisamente porque o amor à parentela é maior do que o amor à pátria, e dão cargos aos parentes. O mesmo acontece com Jesus: não é bom quando o amor [aos familiares] é maior do que [o amor a] Ele. Todos nós poderíamos dar muitos exemplos a este respeito. Sem mencionar as situações em que os afetos familiares se misturam com escolhas opostas ao Evangelho. Quando, por outro lado, o amor aos pais e filhos é animado e purificado pelo amor ao Senhor, então torna-se plenamente fecundo e produz frutos de bem na própria família e muito para além dela. Neste sentido Jesus diz esta frase. Recordemos também como Jesus admoesta os doutores da lei que fazem faltar o necessário aos pais com a pretensão de o oferecer ao altar, de o dar à Igreja (cf. Mc 7, 8-13). Repreende-os! O verdadeiro amor a Jesus exige um amor autêntico aos pais e aos filhos, mas se procurarmos primeiro o interesse

familiar isto leva sempre pelo caminho errado.

Então Jesus diz aos seus discípulos: «Quem não tomar a sua cruz para Me seguir, não é digno de mim» (v. 38). É uma questão de O seguir no caminho que Ele próprio percorreu, sem procurar atalhos. Não há amor verdadeiro sem cruz, ou seja, sem um preço a pagar pessoalmente. E dizem-no muitas mães, muitos pais, que tanto se sacrificam pelos filhos e suportam verdadeiras dificuldades e cruces, porque amam. E carregada com Jesus, a cruz não é assustadora, porque Ele está sempre ao nosso lado para nos apoiar na hora da prova mais dura, para nos dar força e coragem. Também não é necessário preocupar-se por preservar a própria vida, com uma atitude temerosa e egoísta. Jesus admoesta: «Aquele que tenta conservar para si a vida, perdê-la-á, e quem tiver perdido a própria vida por Minha causa – isto é, por amor, por amor a Jesus, por amor ao próximo, pelo serviço aos outros – encontrá-la-á» (cf. v. 39). Este é o paradoxo do Evangelho. Mas temos, graças a Deus, também muitos exemplos como este! Vemo-lo nestes dias. Quantas pessoas, quantas pessoas estão a carregar cruces para ajudar os outros! Sacrificam-se para ajudar o próximo em necessidade nesta pandemia. Mas com Jesus é sempre possível. Encontramos a plenitude da vida e da alegria através da doação de nós mesmos pelo Evangelho e pelos irmãos, com abertura, aceitação e benevolência.

Ao fazê-lo, podemos experimentar a generosidade e a gratidão de Deus. Jesus lembra-nos: «Quem vos recebe, a Mim recebe [...]. Quem der de beber a um destes pequeninos [...] não perderá a re-



compensa» (vv. 40; 42). A generosa gratidão de Deus Pai tem em conta até o mais pequeno gesto de amor e serviço aos seus irmãos. Nestes dias ouvi um sacerdote dizer que estava comovido porque na paróquia uma criança se aproximou dele e disse-lhe: «Padre, estas são as minhas poupanças, são poucas, são para os teus pobres, para aqueles que hoje estão em necessidade por causa da pandemia». É pouco mas é muito! É uma generosidade contagiosa, que ajuda cada um de nós a sentir gratidão para com aqueles que se preocupam com as nossas necessidades. Quando alguém nos oferece um serviço, não devemos pensar que tudo nos é devido. Não, muitos serviços fazem-se por gratuidade. Pensai no voluntariado, que é uma das maiores realidades que existem na sociedade italiana. Os voluntários... e quantos deles perderam a vida nesta pandemia! Faz-se por amor, simplesmente por serviço. A gratidão, o reconhecimento, é antes de mais um sinal de boas maneiras, mas é também um distintivo do cristão. É um sinal simples mas genuíno do reino de Deus, que é reino de amor gratuito e reconhecido.

Maria Santíssima, que amou Jesus mais do que a sua própria vida e o seguiu até à cruz, nos ajuda a colocar-nos sempre diante de Deus

com coração disponível, deixando que a sua Palavra julgue o nossos comportamentos e as nossas escolhas.

No final do Angelus o Pontífice dirigiu-se com as seguintes palavras aos fiéis presentes na praça e a quantos o seguiam através dos meios de comunicação.

Estimados irmãos e irmãs!

Na próxima terça-feira, 30 de junho, terá lugar a quarta Conferência da União Europeia e das Nações Unidas para «apoiar o futuro da Síria e daquela região». Rezem por este importante encontro, para que possa melhorar a dramática situação do povo sírio e dos povos vizinhos, particularmente do Líbano, no contexto de graves crises sociopolíticas e económicas que a pandemia tornou ainda mais difíceis. Basta pensar que há crianças que têm fome, que não têm comida! Por favor, que os líderes sejam capazes de promover a paz.

Convido a rezar ainda pela população do Iémen. Também neste caso, especialmente pelas crianças, que sofrem por causa da gravíssima crise humanitária. Assim como por quantos atingidos pelas fortes inundações na Ucrânia Ocidental: que experimentem o conforto do Senhor e a ajuda dos seus irmãos.

Dirijo as minhas saudações a todos vós, romanos e peregrinos de Itália e de outros países. Vejo bandeiras: polaca, alemã, e muitas! Em particular, saúdo todos aqueles que participaram esta manhã aqui em Roma na Missa em rito congolês, rezando pela República Democrática do Congo. Saúdo a delegação congolense aqui presente. Estes congoleses são bons!

Desejo a todos bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço! E vemo-nos amanhã para a festa dos Pedro e Paulo.

